

A Síndrome do Impostor entre estudantes de tecnologia na Universidade Federal do Amazonas

Fernanda Alice F. Duarte¹, Ana Carolina Oran¹, Anna Beatriz Marques²

¹ Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - Manaus - AM

²Universidade Federal do Ceará (UFC) - Russas - CE

{fernanda.duarte, ana.oran}@icomp.ufam.edu.br,

beatriz.marques@ufc.br

Abstract. *The Impostor Syndrome is a phenomenon that affects a person's self-confidence and performance, and it is common in competitive fields such as technology. This study investigates its prevalence among 101 Software Engineering and Computer Science students at the Federal University of Amazonas, analyzing whether female students face this condition more frequently. The research employed a questionnaire that includes the Clance Impostor Phenomenon Scale (CIPS) to assess the intensity of the syndrome and the participants' self-perception. The results show that a significant portion of respondents is affected, with the majority being women, highlighting the need for specific support measures for this group.*

Resumo. *A Síndrome do Impostor é um fenômeno que afeta a autoconfiança e o desempenho de uma pessoa, sendo comum em áreas competitivas, como a tecnologia. Este estudo investiga sua prevalência entre 101 estudantes de Engenharia de Software e Ciência da Computação da Universidade Federal do Amazonas, analisando se as alunas enfrentam essa condição com maior frequência. A pesquisa utilizou um questionário que inclui a Escala Clance do Fenômeno do Impostor (CIPS) para avaliar a intensidade da síndrome e a autopercepção dos participantes. Os resultados mostram que uma parcela significativa dos respondentes é afetada, sendo a maioria formada por mulheres, o que destaca a necessidade de medidas de suporte específicas para esse grupo.*

1. Introdução

A Síndrome do Impostor é caracterizada por um sentimento frequente de insuficiência, em que o indivíduo se percebe como uma fraude, questionando suas habilidades mesmo diante de conquistas [Clance e Imes 1978]. Esse fenômeno afeta várias áreas da vida, incluindo o contexto acadêmico, onde muitos estudantes comprometem sua autoconfiança e, consequentemente, seu desempenho, por não se sentirem merecedores de suas próprias realizações [Sakulku 2011].

Na área de tecnologia, esse efeito pode ser ainda mais acentuado entre as alunas devido à predominância masculina no setor. Dados do [IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2022] revelam que apenas 15% dos formandos em cursos de Ciência da Computação e Tecnologia da Informação no Brasil são do gênero feminino, o que intensifica a percepção de exclusão e dificulta

o sentimento de pertencimento para muitas estudantes. Esse cenário insinua que elas enfrentam desafios extras que podem intensificar a Síndrome do Impostor, prejudicando tanto sua permanência quanto seu desenvolvimento neste ramo.

Para entender esses desafios, esta pesquisa investiga a prevalência e o impacto da Síndrome do Impostor entre estudantes dos cursos de tecnologia de uma instituição de ensino superior, com foco nas mulheres. O objetivo é analisar se elas são mais afetadas pela síndrome em comparação aos homens e explorar as barreiras emocionais e psicológicas específicas que enfrentam em um ambiente predominantemente masculino.

A questão central é: **As alunas dos cursos de tecnologia da Universidade Federal do Amazonas são mais afetadas pela Síndrome do Impostor do que os alunos?** Para responder a essa pergunta, aplicou-se o questionário Clance Impostor Phenomenon Scale (CIPS) a estudantes dos cursos de Engenharia de Software e Ciência da Computação desta universidade. Os dados coletados foram analisados por meio de técnicas estatísticas descritivas e inferenciais, com o objetivo de identificar diferenças significativas entre os gêneros.

2. Referencial Teórico e Trabalhos Relacionados

A Síndrome do Impostor é uma condição em que a pessoa sente que não merece seu sucesso, acreditando que suas conquistas resultam de sorte e não de sua própria capacidade, mesmo que existam provas do contrário [Bezerra et al. 2021]. Identificado por Pauline Rose Clance e Suzanne Imes, o conceito surgiu a partir de uma pesquisa com mulheres de alta capacidade nos Estados Unidos, que, mesmo com suas realizações, sentiam-se como fraudes e não acreditavam ser merecedoras do sucesso alcançado [Clance e Imes 1978]. Desde então, esse fenômeno tem sido amplamente estudado, especialmente em contextos acadêmicos, onde a pressão por bom desempenho intensifica essa sensação de inadequação.

No ambiente universitário, a síndrome é comumente observada, pois os estudantes enfrentam contínuos desafios e avaliações frequentes enquanto constroem suas identidades profissionais. [Cohen e McConnell 2019] apontam que a pressão por validação acadêmica agrava os sentimentos de impostor, prejudicando o engajamento e o desempenho acadêmico dos alunos. Da mesma forma, [Silva e Almeida 2024] identificaram que a síndrome está associada à menor participação em atividades acadêmicas, comprometendo o aprendizado e o desenvolvimento profissional.

Nos cursos de tecnologia, a Síndrome do Impostor costuma ser ainda mais intensa, reforçada por um ambiente que muitas vezes acentua a percepção de inadequação. [Rosenstein et al. 2020] analisaram estudantes de ciência da computação na Universidade da Califórnia, San Diego, e constataram que 57% relataram sentir-se como impostores. Entre as alunas, o percentual chegou a 71%, comparado a 52% dos homens, indicando maior suscetibilidade entre as mulheres. Esse cenário reflete o desequilíbrio de gênero no setor de tecnologia, onde a baixa presença feminina torna o ambiente menos acolhedor e aumenta a vulnerabilidade das alunas.

A falta de redes de acolhimento entre o grupo feminino nesse contexto pode agravar o isolamento e a sensação de não pertencimento. [Santos 2024] destaca que o apoio mútuo entre mulheres, construído por meio de redes de incentivo e programas de mentoria, desempenha um papel crucial no fortalecimento da

autoconfiança e no enfrentamento de barreiras como a síndrome do impostor, além de impulsionar a permanência feminina nas áreas de tecnologia. No Brasil, apenas 16,5% das vagas em cursos de Tecnologia da Informação são ocupadas por mulheres [SEMESP – Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior 2023], evidenciando a necessidade de iniciativas que promovam maior inclusão e suporte nesta área para aumentar a participação feminina.

As pesquisas sobre a Síndrome do Impostor em cursos de tecnologia no Brasil ainda estão em estágio inicial. [Sousa et al. 2023], em um levantamento com alunos de Ciência da Computação e Engenharia de Software na Universidade Federal do Ceará, utilizaram a Escala Clance do Fenômeno do Impostor (CIPS) e a Teoria de Resposta ao Item (TRI) para medir os níveis de impostorismo entre os gêneros. Os achados não indicaram diferenças significativas, sugerindo que homens e mulheres vivenciam a síndrome de forma semelhante.

Na pesquisa da UFC, a amostra foi composta apenas por estudantes a partir do terceiro período, com foco naqueles que já haviam participado de projetos de extensão e estágios. Já nesta investigação, foram incluídos estudantes de todos os períodos da graduação, o que permitiu capturar uma variedade mais ampla de experiências acadêmicas.

Em relação ao formulário, todas as perguntas utilizadas no estudo da UFC foram mantidas, incluindo os 20 itens da Escala de Clance. Foram acrescentadas duas questões complementares: uma para identificar se o participante já teve ou não a síndrome e outra para identificar se estuda na UFAM, com o objetivo de filtrar a amostra.

No que diz respeito à análise, optou-se por seguir a aplicação tradicional da Escala de Clance, considerando a soma total das pontuações como indicativo da intensidade da síndrome, conforme a metodologia proposta pela autora. Com base nessas pontuações totais, foi aplicado o teste de Mann-Whitney, utilizado para verificar se há diferença significativa entre os gêneros. Essa escolha metodológica foi mais compatível com o objetivo deste trabalho: analisar comparativamente os níveis da síndrome entre alunas e alunos.

Assim, busca-se verificar se as alunas são mais impactadas pela síndrome e avaliar se os resultados de pesquisas anteriores são aplicáveis ao contexto local. Com isso, espera-se ampliar a compreensão sobre a desigualdade de gênero na tecnologia e propor ações de apoio no ambiente acadêmico.

3. Metodologia

Para investigar a manifestação da Síndrome do Impostor entre estudantes de tecnologia da UFAM, com foco nas diferenças de gênero, foi aplicado um questionário elaborado na plataforma Google Forms¹, divulgado em redes sociais como *WhatsApp* e *Telegram*, direcionado aos estudantes dos cursos de Engenharia de Software e Ciência da Computação do Instituto de Computação (ICOMP).

Antes de responder ao questionário, os estudantes que participaram de forma voluntária confirmaram o aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que descreve os objetivos da pesquisa e assegura o anonimato e a confidencialidade dos dados coletados. O questionário foi dividido em quatro seções.

¹Link do formulário: <https://forms.gle/CTzFuvyrqJQ8CX9t7>

Na primeira seção, foram feitas questões sociodemográficas para coletar informações sobre idade, gênero e etnia, com o objetivo de identificar o perfil dos participantes. A segunda seção explorou aspectos da vida acadêmica, como a participação em projetos e estágios, com perguntas extras para mulheres sobre a influência da representação de gênero em suas percepções. Na terceira seção, foram abordados os comportamentos associados à Síndrome do Impostor, incluindo características como medo de exposição e autossabotagem. Por fim, na quarta e última seção, aplicou-se a Escala de Síndrome do Impostor de Clance (CIPS), composta por 20 itens, na versão traduzida por [Matos 2014]. Cada item foi avaliado em uma escala Likert de cinco pontos: 1 (Discordo totalmente), 2 (Discordo em parte), 3 (Nem concordo nem discordo), 4 (Concordo em parte) e 5 (Concordo totalmente). A classificação da intensidade da síndrome é determinada com base na soma total das respostas, conforme apresentado na Tabela 1.

| Pontuação | Classificação do nível da Síndrome do Impostor |
|------------------|---|
| Acima de 80 | Nível elevado |
| Entre 61 e 80 | Nível alto |
| Entre 41 e 60 | Nível moderado |
| Abaixo de 40 | Baixo nível da síndrome |

Tabela 1. Classificação da Síndrome do Impostor por pontuação.

Além de coletar dados com a Escala CIPS, foi realizada uma análise estatística para ver se as diferenças entre os gêneros, especialmente no caso das mulheres, eram significativas. O objetivo foi confirmar se as mulheres realmente são mais afetadas pela Síndrome do Impostor, oferecendo uma visão mais clara sobre como a síndrome impacta cada grupo.

4. Perfil dos Participantes

A pesquisa contou com a participação de 101 estudantes. Entre eles, 45 pessoas se identificaram como mulheres (44,6%), 55 como homens (54,5%) e 1 como não binário (1%). A faixa etária predominante foi de 18 a 24 anos (83,2%), seguida por 25 a 29 anos (16,8%). A distribuição de gênero e faixa etária está representada nas Figuras 1 e 2, enquanto a Figura 3 apresenta a distribuição dos estudantes por curso, categorizada por gênero.

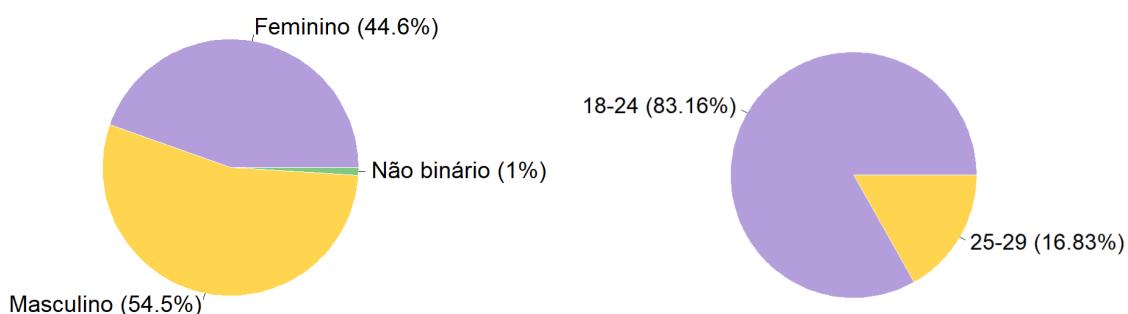


Figura 1. Gênero dos respondentes

Figura 2. Idade dos respondentes

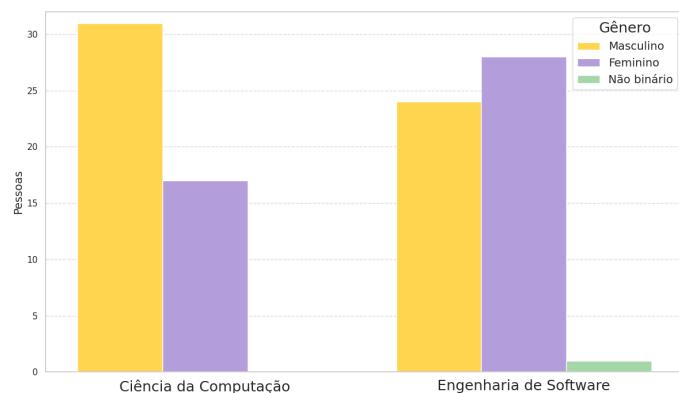


Figura 3. Curso dos respondentes

5. Comportamentos e Desafios Relacionados à Síndrome do Impostor

Para maior clareza, foi incluído no questionário o conceito da Síndrome do Impostor. Além disso, foram elaboradas perguntas de autoavaliação para identificar características relacionadas à síndrome e verificar se os participantes acreditavam já tê-la vivenciado. A pergunta foi: “Você já sentiu ou sente que tem Síndrome do Impostor(a)?” Entre os respondentes, 92,07% afirmaram que já sentiram ou sentem a Síndrome do Impostor, em contraste com 7,93% que responderam negativamente, conforme mostrado na Figura 4. Esses números indicam uma alta frequência da síndrome entre os participantes, sugerindo que a maioria já experimentou sensações de autoquestionamento ou insegurança durante a graduação.

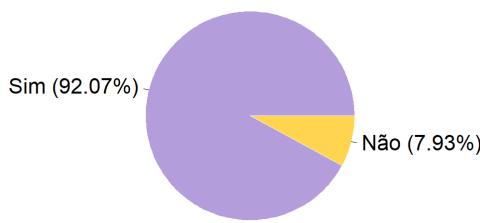


Figura 4. Distribuição das respostas à pergunta: “Você já sentiu ou sente que tem Síndrome do Impostor(a)?”

Além disso, foi solicitado aos estudantes que escolhessem, entre seis principais características da síndrome, aquelas com as quais mais se identificavam ou já tinham experienciado. A Figura 5 apresenta as respostas organizadas por gênero.

O gráfico da figura 5 foi gerado considerando 100% o total de cada grupo, permitindo uma comparação proporcional entre os gêneros. Como o grupo não binário teve apenas um respondente e essa pessoa se identificou com todas as características, seu percentual ficou em 100% para cada uma delas. Além disso, ao comparar os grupos feminino e masculino, percebe-se que as mulheres apresentam uma frequência maior em todas as características, com exceção da “Necessidade de se esforçar demais”, onde a diferença entre os dois grupos é inferior a 1%.

A característica com a menor porcentagem para ambos os grupos é “Querer agradar a todos”, embora ainda esteja acima de 50%. Nenhuma característica apresentou

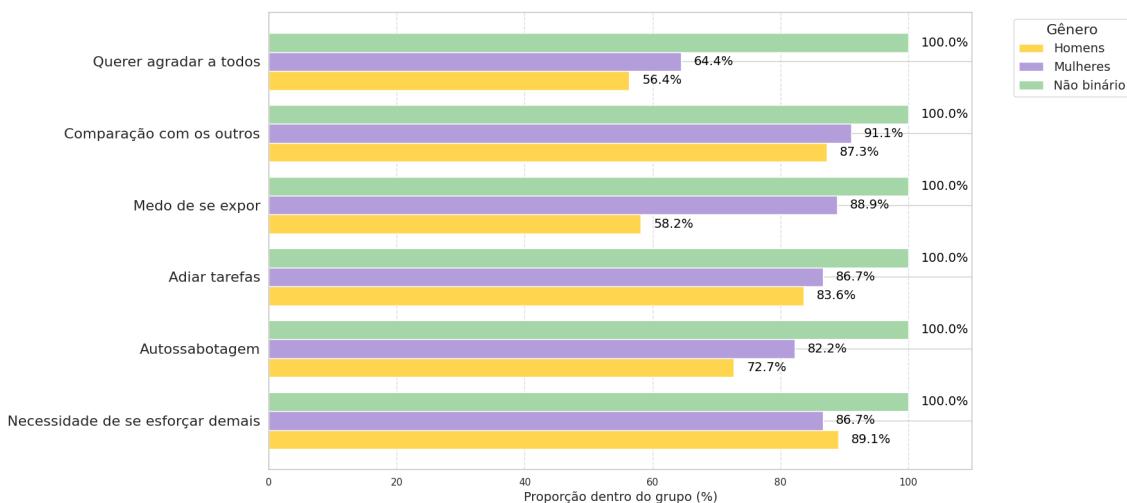


Figura 5. Proporção das principais características da Síndrome por grupo

valores inferiores à metade, indicando que todas são percebidas como relevantes pelos participantes.

Sobre as perguntas direcionadas somente às mulheres, os resultados evidenciam obstáculos adicionais para esse grupo:

- 21 alunas afirmaram já ter se candidatado para um projeto, monitoria ou estágio onde eram a única mulher candidata.
- 23 alunas relataram ter deixado de se candidatar por esse motivo.
- 26 alunas mencionaram que já pensaram em desistir da faculdade, de tentar uma vaga ou de sair de um projeto/estágio por serem a única mulher ou estarem em minoria.

Esses dados mostram que, junto aos desafios acadêmicos comuns, muitas alunas também enfrentam barreiras relacionadas ao gênero. O isolamento e a falta de representatividade podem reforçar o fenômeno do impostor nas estudantes.

6. Níveis da Síndrome do Impostor: Análise da Escala Clance

Nesta seção, analisa-se a Escala Clance aplicada a cada gênero, pedindo que os participantes respondessem pensando em suas vivências no ambiente acadêmico. Para o estudo, as respostas individuais foram somadas, gerando um total para cada participante. Em seguida, as somas foram agrupadas por grupo, permitindo a classificação conforme a Tabela 1.

De acordo com o gráfico apresentado na Figura 6, nota-se que a maioria dos alunos apresenta níveis altos ou elevados da Síndrome do Impostor, com 59,4% dos participantes (60 de 101 pessoas) no nível mais severo. Entre as mulheres, 36 das 45 participantes encontram-se nessa categoria, enquanto entre os homens esse número corresponde à metade, 18 participantes. A única pessoa não binária está no alto nível da síndrome.

Além disso, apenas 1% dos participantes apresenta um nível baixo da síndrome. Esses resultados indicam que a Síndrome do Impostor afeta todos de maneira expressiva. Todavia, as mulheres parecem ser mais impactadas, como demonstrado pela maior

concentração nos níveis mais graves da escala. Esses achados reforçam o estudo de [Rosenstein et al. 2020], que também identificaram uma maior prevalência de sentimentos de impostor entre as estudantes nos cursos de tecnologia.

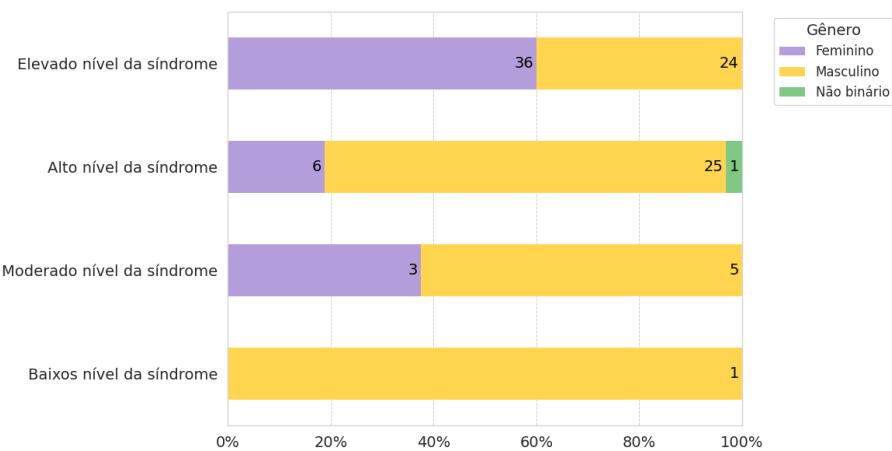


Figura 6. Distribuição dos níveis da Síndrome do Impostor entre os participantes

7. Análise Estatística da Síndrome do Impostor entre Homens e Mulheres

A análise estatística foi realizada com o objetivo de identificar diferenças na manifestação da Síndrome do Impostor entre estudantes que se identificam como homens e mulheres. Para isso, foram consideradas as somas individuais das pontuações obtidas na Escala Clance, agrupadas conforme apresentado na Figura 6.

Embora o grupo “Não binário” tenha sido incluído na análise descritiva, ele não foi contemplado na análise inferencial e no boxplot, devido à participação de apenas um respondente. Essa limitação inviabiliza a realização de comparações estatísticas robustas ou representações gráficas adequadas. No entanto, seu valor descritivo foi considerado, apontando para um nível de manifestação da síndrome semelhante ao observado nos outros grupos.

Os dados foram organizados inicialmente em *Python* e depois analisados estatisticamente no software *R*², com o objetivo de verificar diferenças significativas entre os grupos feminino e masculino, utilizando os testes descritos a seguir.

Primeiramente, foi aplicado o Teste de Shapiro-Wilk para avaliar se as pontuações seguiam uma distribuição normal. Para que os dados sejam considerados compatíveis com uma distribuição normal, o valor-p deve ser maior que 0,05, indicando que a hipótese nula não foi rejeitada. Os resultados indicaram que as pontuações do grupo masculino não atendem a esse critério ($valor-p = 0,0195 < 0,05$), assim como as do grupo feminino ($valor-p = 0,0000112 < 0,05$). Dado que nenhum dos grupos apresentou normalidade, justificou-se a escolha de um teste não paramétrico. Assim, foi utilizado o Teste de Mann-Whitney, apropriado para comparar dois grupos independentes quando a suposição de normalidade não é atendida.

²O software R é uma linguagem e ambiente de programação voltado para análise estatística e visualização de dados, amplamente utilizado em pesquisas científicas.

As hipóteses para o Teste de Mann-Whitney foram:

$$\begin{cases} H_0 : \text{Não há diferença significativa nas pontuações da síndrome entre os grupos} \\ H_1 : \text{Há diferença significativa nas pontuações da síndrome entre os grupos} \end{cases}$$

O teste foi realizado usando a função `wilcox.test` no R, considerando a soma das pontuações individuais na Escala de Clance, separadas por gênero. O resultado pode ser visualizado na Figura 7.

```
Wilcoxon rank sum test with continuity correction

data: soma_clance by genero
W = 1793.5, p-value = 0.0001172
alternative hypothesis: true location shift is not equal to 0
```

Figura 7. Resultado do Teste de Mann-Whitney no RStudio

Como o valor-p resultante do teste ($p\text{-value} = 0.0001172$) está abaixo do nível de significância de 0,05, rejeita-se a hipótese nula (H_0) e aceita-se a hipótese alternativa (H_1). Isso indica que há uma diferença significativa nas pontuações entre os gêneros, o que mostra que o gênero influencia a manifestação da Síndrome do Impostor entre os estudantes dos cursos de tecnologia. Especificamente, os resultados indicam que as alunas apresentam níveis mais altos de sentimentos de impostor em comparação aos alunos do gênero masculino.

Essa discrepância pode refletir a realidade de um ambiente acadêmico majoritariamente masculino, no qual as alunas podem enfrentar desafios emocionais e de autoconfiança mais intensos. Essa predominância masculina em cursos de tecnologia pode agravar sentimentos de inadequação entre as mulheres, tornando-as mais suscetíveis à síndrome. No entanto, é importante considerar que o gênero, embora relevante, não é o único fator que pode influenciar essa experiência. Podem existir outros elementos, como raça, classe social, orientação sexual e experiências pessoais, que se entrelaçam e ampliam a vulnerabilidade de determinadas alunas à Síndrome do Impostor. Essas interseccionalidades podem ajudar a compreender por que alguns estudos não identificaram diferenças significativas entre os gêneros. Esses achados reforçam a importância de redes de apoio entre colegas do mesmo gênero, como destacado por [Santos 2024], para fortalecer a autoconfiança e mitigar tais impactos, bem como a necessidade de políticas que considerem a diversidade de vivências no ambiente acadêmico.

Além da análise estatística, foi conduzida uma análise descritiva para calcular as médias das pontuações de cada grupo, conforme apresentado na Tabela 2. Os resultados indicam que o grupo feminino obteve a maior média, refletindo um nível mais intenso de manifestação da síndrome.

| Gênero | Média | Classificação |
|-------------|-------|---------------------------|
| Feminino | 84.42 | Elevado nível da síndrome |
| Masculino | 76.58 | Alto nível da síndrome |
| Não Binário | 77.00 | Alto nível da síndrome |

Tabela 2. Média das pontuações da Síndrome do Impostor por gênero

A Figura 8 mostra um boxplot comparando as somas das pontuações da Escala de Clance entre os grupos feminino (F) e masculino (M). A mediana das alunas é mais elevada, apontando que elas experienciam a síndrome com maior intensidade.

Os escores dos homens são mais variados, enquanto os das mulheres se concentram em valores mais altos. Ambos os grupos possuem *outliers*, com algumas alunas apresentando pontuações menores e alguns alunos registrando escores significativamente mais baixos, reforçando a variação no grupo masculino.

Os achados confirmam que as mulheres são mais impactadas pela Síndrome do Impostor, enquanto os homens apresentam uma distribuição mais equilibrada entre diferentes níveis da escala.

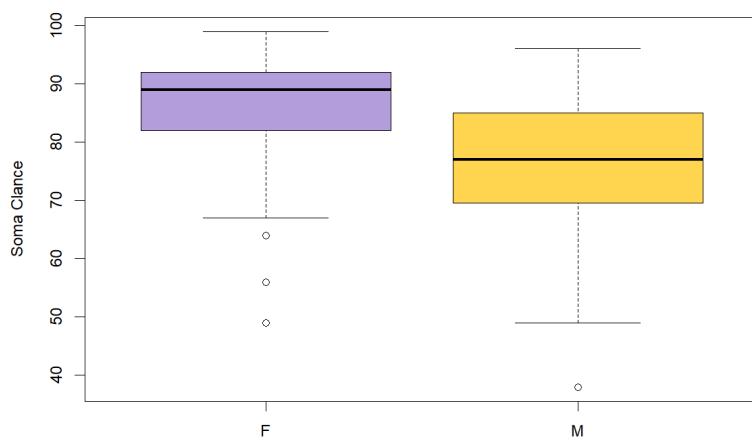


Figura 8. Boxplot das somas das pontuações da Síndrome do Impostor por gênero

Os dados obtidos evidenciam a necessidade de medidas para apoiar as alunas em cursos de tecnologia. A diferença significativa entre os gêneros na manifestação da Síndrome do Impostor reforça a urgência de promover ambientes acadêmicos mais inclusivos. Estratégias como a aproximação de meninas aos conteúdos de tecnologia ainda na educação básica [Lima et al. 2020], por meio de oficinas; programas de incentivo à permanência de mulheres na área [Lauschner et al. 2016], como o Cunhantã Digital, que oferece formação e apoio para mulheres da região amazônica na Computação; e iniciativas de mentoria e acolhimento emocional [Galeno et al. 2020], como o projeto Minerv@s Digitais, que promove espaços de escuta entre mulheres da área, podem contribuir para reduzir os efeitos da síndrome ao longo da trajetória acadêmica.

8. Ameaças à Validade

Todos os estudos estão sujeitos a ameaças que podem comprometer a validade dos resultados obtidos [Wohlin et al. 2012]. Neste trabalho, destacam-se quatro principais: (1) o uso da Escala de Clance, embora validada, foi aplicado em um único contexto institucional, o que pode restringir a validade externa; (2) os participantes eram exclusivamente estudantes de graduação da UFAM, o que pode limitar a representatividade dos achados; (3) o tamanho da amostra e a diversidade dos períodos cursados dificultam a generalização dos resultados, que devem ser interpretados como indicativos; e (4) a análise dos dados

foi inicialmente conduzida por uma única pesquisadora, com posterior revisão por duas coautoras para reduzir viés e fortalecer a confiabilidade das interpretações.

9. Considerações Finais

Este artigo analisou a Síndrome do Impostor entre estudantes de tecnologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), com foco nas diferenças de gênero. Os resultados mostram que a síndrome impacta significativamente os estudantes, com maior incidência e intensidade entre as mulheres. Esse achado contrasta com o estudo da Universidade Federal do Ceará (UFC), que não identificou tal disparidade, sugerindo que fatores regionais, culturais e institucionais podem influenciar essa vivência.

A partir desses achados, torna-se necessário adotar medidas institucionais que contribuam para a redução dos impactos da síndrome, especialmente entre as alunas. Uma das estratégias é garantir maior equidade no acesso a oportunidades acadêmicas, como monitorias e projetos de iniciação científica. Para isso, podem ser elaborados editais com cotas de gênero ou critérios que incentivem a participação feminina.

Também é importante implementar ações voltadas à saúde mental e emocional, por meio de palestras, rodas de conversa e campanhas institucionais que abordem temas como autoestima, insegurança e pertencimento. Esses espaços devem ser seguros e acolhedores, favorecendo a escuta ativa e o apoio mútuo.

Podem ser estruturados programas de mentoria com profissionais da área e grupos de estudo com estudantes veteranas, visando criar vínculos de confiança e incentivar o desenvolvimento acadêmico e profissional das alunas. Essas iniciativas fortalecem a representatividade feminina, promovem o compartilhamento de vivências e contribuem para o fortalecimento de redes de apoio, ajudando a reduzir os efeitos da síndrome. Quando realizadas de forma contínua, essas ações também colaboram para a construção de um ambiente mais empático e acolhedor.

Outra frente importante é atuar desde o ensino básico, por meio de oficinas e palestras em escolas, apresentando a área de tecnologia e despertando o interesse de meninas, para reduzir a baixa representatividade feminina nesse campo.

O projeto Cunhantã Digital, já existente em Manaus, representa uma iniciativa local para a permanência e protagonismo feminino na tecnologia. Ao promover o contato direto com referências femininas da área e oferecer experiências práticas, o projeto contribui para ampliar o senso de pertencimento das alunas e reduzir barreiras de acesso e continuidade nos cursos de tecnologia.

Para que essas ações tenham maior alcance e efetividade, é fundamental que sejam amplamente divulgadas por meio das redes sociais, canais institucionais e eventos acadêmicos, incentivando a adesão de estudantes e o engajamento.

Por fim, para as futuras pesquisas, recomenda-se explorar o tema com abordagens qualitativas, como entrevistas e grupos focais, além de ampliar o escopo para outros cursos, pós-graduações, instituições e regiões. Tais esforços contribuirão para uma compreensão mais completa da Síndrome do Impostor e para a formulação de políticas acadêmicas mais eficazes e sensíveis às questões de gênero.

Agradecimentos

Agradecemos ao Instituto de Pesquisas Eldorado pelo suporte institucional à presente pesquisa, viabilizado por meio do Protocolo de Intenções nº 021/2024 - ARII, firmado em colaboração com o Projeto Cunhantã Digital da Universidade Federal do Amazonas. Essa colaboração tem sido essencial para o sucesso das atividades desenvolvidas.

Referências

- Bezerra, T. C. G., Barbosa, L. H. G. M., Vione, K. C., Athayde, R. A. A., e Gouveia, V. V. (2021). Escala clance do fenômeno do impostor: Adaptação brasileira. *Psico-USF*, 26(2):333–343.
- Clance, P. R. e Imes, S. A. (1978). The imposter phenomenon in high achieving women: Dynamics and therapeutic intervention. *Psychotherapy: Theory, Research & Practice*, 15(3):241–247.
- Cohen, E. D. e McConnell, W. R. (2019). Fear of fraudulence: Graduate school program environments and the impostor phenomenon. *The Sociological Quarterly*, 60(3):457–478.
- Galen, L., Lucena, M. E., Lima, T., e Campos, M. L. (2020). Minerv@s digitais: encorajando e acolhendo mulheres na computação. In *Anais do XIV Women in Information Technology*, pages 70–79, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE, Rio de Janeiro, 3 edition. Acesso em: 3 dez. 2024.
- Lauschner, T., de Freitas, R., Nakamura, F., e Lobo, L. (2016). Cunhantã digital: programa de incentivo à participação de mulheres da região amazônica na computação e áreas afins. In *Anais do X Women in Information Technology*, pages 20–24, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Lima, M. R., Matos, G., Silva, S., Araújo, F., e Pires, Y. (2020). Utilizando oficinas educacionais de empoderamento feminino para inclusão digital e social de estudantes do ensino médio. In *Anais do XIV Women in Information Technology*, pages 284–288, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Matos, P. A. V. C. (2014). Síndrome do impostor e auto-eficácia de minorias sociais: alunos de contabilidade e administração. Master's thesis, Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, São Paulo. 137 f. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade).
- Rosenstein, A., Raghu, A., e Porter, L. (2020). Identifying the prevalence of the impostor phenomenon among computer science students. In *Proceedings of the 51st ACM Technical Symposium on Computer Science Education*, pages 20–26, New York, NY, USA. ACM.
- Sakulku, J. (2011). The impostor phenomenon. *The Journal of Behavioral Science*, 6(1):75–97.
- Santos, A. C. N. d. N. (2024). O papel das mulheres na inovação tecnológica: Contribuições e desafios. *Research, Society and Development*, 13(12):e11131247543.

- SEMESP – Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior (2023). *Mapa do ensino superior no Brasil: 13ª edição*. Instituto Semesp, São Paulo.
- Silva, J. D. S. e Almeida, A. C. (2024). Engajamento acadêmico e síndrome do impostor entre graduandos: um estudo correlacional. *Revista Internacional de Educação Superior*, 11(00):e025032.
- Sousa, L. M., Paz, R., e Marques, A. B. (2023). Síndrome do impostor na formação acadêmica de estudantes na área de tecnologia: um estudo exploratório na universidade federal do ceará - campus russas. In *Anais do 17º Women in Information Technology (WIT)*, pages 434–439, João Pessoa. Sociedade Brasileira de Computação.
- Wohlin, C., Runeson, P., Höst, M., Ohlsson, M. C., Regnell, B., Wesslén, A., et al. (2012). *Experimentation in software engineering*, volume 236. Springer.